

ARTIGO

**O ATO POR TRÁS DOS HOLOFOTES: AS PRÁTICAS DO TROTE
UNIVERSITÁRIO NOS CENTROS DE PESQUISA DA UENF**

**EL ACTO DETRÁS DE LOS FOCOS: LAS PRÁCTICAS DE NOVATAS
UNIVERSITARIAS EN LOS CENTROS DE INVESTIGACIÓN DE LA UENF**

**THE ACT BEHIND THE SPOTLIGHTS: THE PRACTICES OF UNIVERSITY
HAZING AT UENF RESEARCH CENTERS**

Luciana dos Santos Jorge Pessanha¹

RESUMO:

O presente texto tem por objetivo compreender como ocorrem as práticas do Trote nos Centros de Pesquisa da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), partindo de narrativas que identifica a ambiguidade existente nas práticas do trote universitário. Apesar de toda a diversidade existente nessas práticas, assim como, a imprecisão do que essas práticas representam entre os calouros e veteranos que compartilham de um mesmo cenário, em um recorte temporal, a partir do ano de 2020 a 2023. O Trote tem se tornado tema de debate, uma vez que vem assumindo formas agressivas que perpetuam por séculos. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, em sua modalidade narrativa, em razão do caráter subjetivo dos aspectos investigados. Os dados coletados de autobiografias escritas ou narradas pelos calouros e veteranos convidados, considerando aceite de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, a saber: Como métodos incluem-se questionário aberto, a observação e registros em diário de campo. Para tanto,

¹ Mestra em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF), na linha de pesquisa de Cultura, Territorialidades e Poder. Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert. Especialização em Orientação e Supervisão Escolar; Especialização em Ludopedagogia pela Faculdade da Região Serrana; Especialização em Docência com ênfase na Educação Especial Inclusiva pela Universidade IFMG Campus Avançado. Voluntária do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Raça (NEPER/UFF). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/UENFF). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6482353111677725>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3962-3796>. E-mail: lukipessanha@gmail.com

abordaremos no texto conceitos que corroboram para um amplo e reflexivo entendimento da relação de poder que perpetua nesse tipo de recepção aos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: violência; brincadeira; práticas do trote; relação de poder.

RESUMEN:

El objetivo de este texto es comprender cómo ocurren las prácticas de novatadas en los Centros de Investigación de la Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), a partir de narrativas que identifican la ambigüedad que existe en las prácticas de novatadas universitarias. A pesar de toda la diversidad que existe en estas prácticas, así como la imprecisión de lo que estas prácticas representan entre estudiantes de primer año y veteranos que comparten un mismo escenario, en un marco temporal, del año 2020 al 2023, las novatadas se han convertido en tema de debate, desde ha adoptado formas agresivas que han persistido durante siglos. En cuanto a los procedimientos metodológicos, se trata de una investigación cualitativa, en su modalidad narrativa, debido al carácter subjetivo de los aspectos investigados. Datos recopilados de autobiografías escritas o narradas por estudiantes de primer año y veteranos invitados, considerando la aceptación de los Términos de consentimiento informado, a saber: Los métodos incluyen un cuestionario abierto, observación y registros diarios de campo. Para ello, abordaremos conceptos en el texto que sustentan una comprensión amplia y reflexiva de la relación de poder que perpetúa este tipo de recepción hacia los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: violencia; broma; prácticas de novatadas; relación de poder.

ABSTRACT:

The aim of this text is to understand how hazing practices occur in the Research Centers of the Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), based on narratives that identify the ambiguity that exists in university hazing practices. Despite all the diversity that exists in these practices, as well as the imprecision of what these practices represent among freshmen and veterans who share the same scenario, in a time frame, from the year 2020 to 2023. Hazing has become subject of debate, since it has taken on aggressive forms that have persisted for centuries. As for the methodological procedures, this is a qualitative research, in its narrative modality, due to the subjective nature of the aspects investigated. Data collected from autobiographies written or narrated by invited freshmen and veterans, considering acceptance of Informed Consent Terms, namely: Methods include an open questionnaire, observation and field diary records. To this end, we will address concepts in the text that support a broad and reflective understanding of the power relationship that perpetuates this type of reception for students.

KEYWORDS: violence; joke; hazing practices; power relationship.

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas Universidades brasileiras os primeiros registros do Trote Universitário surgem a partir do século XIX, geralmente a ocorrência de trotes pode ser apenas uma ação cooperativa com o intuito de brincadeira, recepção e/ou integração, assim como para outros atores o trote pode ser uma ação coercitiva de violências morais e eventualmente físicas (ZUIN, 2002), porém é relevante pensar no seu potencial para influenciar de forma sutil os envolvidos sendo reordenados na escala de valor social, o que implica num deslocamento de elementos inerentes ao processo, como evento ritualístico introduzido às universidades quase desde sua fundação. Sendo o trote reconhecido por muitos como um “rito” que na atualidade também pode ser caracterizado por “recepção” dos alunos intitulados de “calouros” evento promovido pelos “veteranos” como um rito que marca a mudança e esta mudança necessita ser representada.

Na concepção de Durkheim (1996, p. 405) “O rito consiste unicamente em relembrar o passado e torná-lo presente, de certo modo, por meio de uma verdadeira representação dramática”. E para além, o fato de execução como rito a ser cumprido, considerar que o trote deve ser validado e justificado a partir dessa definição pode legitimar também qualquer tipo de comportamento que faça parte do ritual. Ainda ao que se refere aos “ritos”, de acordo com Maciel (2021) “O que pode indicar que os ritos expressam então, um tempo processuais ou momento particular importante das relações sociais formadoras e mantenedoras de uma dada instituição”. Os ritos desenvolvem um controle simbólico da estrutura social e dos integrantes que a compõem. De acordo com o autor:

Essa crença só se torna possível à medida que os atores incorporam e sedimentam o conjunto de relações sociais significantes que fazem parte constitutiva do ritual [...] que possam parecer sistemas restritos a vida religiosa ou mágica. Os ritos fazem parte de um processo socializador ao qual os indivíduos ficam sujeitos ao entrarem em contato com as instituições partícipes desse processo. (MACIEL, 2021, p. 86)

Este ensaio objetiva apresentar, por meio de narrativas autobiográficas, algumas vivências e relatos sobre as práticas do Trote Universitário nos Centros de Pesquisas da UENF, a saber: CBB, CCH, CCT e CCTA, que envolvem os

cursos de Graduação da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), intencionalmente aspiram-se contribuir com o processo de socialização e permanência dos estudantes nos cursos de Graduação levando em consideração o Trote como um dos rituais de ingresso aos estudos universitários.

Segundo Siqueira e Rocha (2008) “As características dos rituais do trote variam dependendo do contexto em que ocorrem e dos comportamentos valorizados em determinadas culturas estudantil e profissional” elucidando as palavras do autor os cursos apresentam suas próprias regras, valores e hierarquia “que, por sua vez, são influenciados pelas estratificações postas pela sociedade maior. Uma multiplicidade de relações de poder ocorre entre cursos e profissões” (SIQUEIRA; ROCHA, 2008). São justamente essas variações que ocorrem nas práticas do Trote Universitário que buscamos analisar nos Centros de Pesquisas da UENF.

As relações de poder estão sempre situadas no interior de micro lutas, que ocorrem, sobretudo entre indivíduos, uns em relação aos outros, e se caracteriza por sua produtividade: “se o poder tivesse apenas a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil”. (FOUCAULT, 2003, p.148).

Entrar numa Universidade, muitas vezes depois de algumas tentativas frustradas, envolve uma sensação de satisfação consigo que se faz necessária ser externada. O perigo está na forma como esse “rito” pode de certa forma está sendo uma ferramenta negativa que age em desfavor da permanência do estudante no ambiente educacional.

No Brasil, os Trotes Universitários são aplicados com frequência nas Instituições de Ensino Superior, muitas vezes sendo visto tanto por calouros e veteranos como “rito de passagem” necessário que de certa forma se apresenta como um momento de integração para alguns e momento de constrangimento para outros.

O trote está presente na maioria das Instituições de Ensino Superior (IES), seja ela pública ou particular. As práticas sempre variam de um local para outro, mas quase todas praticam algumas semelhanças, como raspar a cabeça, usar tinta no corpo e pedir dinheiro na rua. Porém, em certas instituições, o trote, considerado brincadeira por alguns, pode ultrapassar o limite, levando as cenas de práticas

abusivas, de violência e, até mesmo, de tragédia. (CARMO e COUTINHO, 2022, p. 148)

A partir de relato da aplicação de um trote abusivo que ocasionou na morte de um estudante da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1999 que a Lei estadual 10.454/99 foi criada com a intenção de proibir a realização dos trotes nas universidades estaduais, estabelecendo no Artigo 1º. - que “é vedada a realização de trote aos calouros de escolas superiores e de universidades estaduais, quando promovido sob coação, agressão física, moral ou qualquer outra forma de constrangimento que possa acarretar risco à saúde ou à integridade física dos alunos”. (BRASIL, 1999). No estado do Rio de Janeiro a Lei Estadual 2538/96 considera o trote vexatório e\ou violento como crime. Em 2013 a Lei 6436/13 no estado do Rio de Janeiro passou a obrigar as universidades estaduais e privadas a alertar o corpo discente (calouros e veteranos) mediante divulgação de cartazes e panfletos informativos severamente ponderados pela legislação, informando que o trote, com práticas coercitivas, se configura em crime.

Práticas, as quais acabaram tomando proporções trágicas acarretando na proibição de suas práticas em muitos estados e Universidades, entretanto alguma dessas práticas se mantém constatando o fracasso da proibição, historicamente os trotes já apresentam traços de violências morais, físicas e psicológicas havendo inclusive relatos de mortes (ZUIN, 2011), porém essas práticas do Trote Universitário não é a única defendida pelos os envolvidos, muitos calouros e veteranos legitima essas ações a partir da ideia de que o Trote são instrumentos de oportunidades de formar laços de amizade e confraternização o que traz uma outra perspectiva etnográfica do trote. (VEGINI, 2016).

O cenário descrito anteriormente por Vegini (2016), atesta que existe uma ambiguidade presente nas práticas do Trote por parte dos envolvidos o que nos instiga a averiguação da existência de contraposição nos trotes universitários na concepção dos alunos veteranos e calouros da UENF com relação a análise do trote como ação cooperativa ou ação coercitiva o que é possível através dos relatos das experiências vivenciadas por estudantes calouros e veteranos dos cursos de Graduação.

2- O TROTE COMO OBJETO DE PESQUISA

O Trote Universitário é tomado nesta pesquisa como objeto de estudo, pois parte-se da seguinte questão norteadora: como as práticas dos trotes Universitários no ponto de vista de calouros e veteranos corroboram ou não para a permanência do estudante no âmbito do Ensino Superior? Este estudo aborda os aspectos históricos que contribuíram para a formação conceituais do trote como uma das primeiras vivências acadêmicas, que encarnam um papel significativo no processo de socialização e integração entre calouros e veteranos (FINKLER, 2009) de cursos distintos da UENF.

O trote é uma tradição universitária considerada como um ritual de passagem para o Ensino Superior e marca o início da vida acadêmica. Logo, é um momento importante de descontração e sonhado por muitos jovens que têm interesse de ingressar em uma graduação. (CARMO e COUTINHO, 2022, p 148)

Tencionando a constatação não só das ocorrências do trote, mas das várias práticas que o Trote Universitário se imputa a partir das interações sociais situando o indivíduo e os grupos dentro do campo social, ou seja, ainda que os alunos participem do mesmo trote, cada aluno vai ter uma vivência e percepção distinta a respeito da situação. O trote quando visto por muitos como “ritual de passagem” nos conduz a refletir sobre a sua resistência e redefinições que são atribuídas a essa prática.

Partindo de uma ideia de propor aos alunos calouros um ambiente justo e inclusivo que garanta de fato a permanência de estudantes, se busca uma análise do quão convencido pode estar os envolvidos quanto às ações dos atores (os veteranos) como sendo uma prática cooperativa e não coercitiva.

Quanto a definição do termo “Trote no dicionário de língua portuguesa como sendo: (derivação regressiva de trotar) Substantivo Masculino; 1. Andadura do cavalo e de certos quadrúpedes, entre o passo ordinário e o galope (ex.; diminui o ritmo e passou a trote). 2. [Popular] Uso cotidiano. = COTIO; 3. [Brasil] O mesmo que o trote estudantil (ex.; presidente da comissão de trote). [Equivalente no português de Portugal: praxe]; 4. [Brasil] Brincadeira feita com o intuito de enganar ou vexar alguém (ex.; gostava de passar trote aos amigos). = TROÇAR, ZOMBARIA; 5. [Brasil] Brincadeira escarnecedora que alguém faz sob outra identidade, geralmente feita por telefone ou celular (ex.; ligaram para minha casa mas era trote)

A escolha deste tema para o desenvolvimento da pesquisa ocorreu intencionalmente, sendo assim forjado a partir da minha falta de experiência, como caloura que não vivenciou o Trote Universitário, acabou corroborando para que aguçasse mais a minha curiosidade e principalmente pudesse compreender a relevância de pesquisar o que estava enraizado na ideia de Trote vivenciada por inúmeros estudantes ao longo dos séculos. Estamos evidenciando relações que não se deram de forma improvisada ou aleatória, e sim construções históricas que são reproduzidas ao longo do tempo, corroborando com o fortalecimento de tais rituais presentes no perfil do mundo universitário.

Chama à atenção a dificuldade em encontrar pesquisas que abordem o termo Trote Universitário e muito menos que tragam em evidenciar as ações encoberta dentro desse “rito de passagem”. A partir dessa carência, com relação a estudos relacionados ao trote, além de uma narrativa prévia de aluno do Centro de Pesquisa da UENF, que espontaneamente relataram em um momento de diálogo e descontraído no Restaurante Universitário (RU), a sua experiência traumática com as práticas do Trote na Universidade, o que será constatado e descrito seguir: *“Trote pra mim é algo desagradável, fazer as pessoas passarem por situações ruins e constrangedoras”*. Surge então à relevância de abordar a temática que mesmo sendo proibida por lei em alguns estados brasileiros, inclusive no Estado do Rio de Janeiro, vem ocorrendo fora e em alguns casos dentro das dependências da Universidade, muitas das vezes de forma coercitiva e não receptiva e acolhedora como se entende que deveria ocorrer.

Sob a orientação do professor Gerson Tavares, tencionamos conduzir a pesquisa a contribuir de forma significativa para que essas práticas associadas a agressões morais, intelectuais, físicas e emocionais sejam banidas das Universidades, na busca por outras práticas que possam ser utilizadas dentro do ritual de iniciação auxiliando na permanência dos alunos em seu “primeiro ano crítico” na Instituição de Ensino.

3- ENFIM O ESPETÁCULO

O objetivo dessa seção e das posteriores é de se apropriar do vocabulário teatral tencionando uma melhor compreensão das práticas expressivas do Trote,

permitido ao indivíduo uma expressividade através de símbolos verbais, assim como os não verbais, espontâneos ou não, implicados na interação. Ou seja, a vida social pode ser assimilada ou associada a um palco onde os diversos papéis sociais são encenados, portando o indivíduo tem a possibilidade de se adequar e encenar de acordo com as circunstâncias. Será a partir de Goffman Sociólogo Canadense e sua abordagem das interações para uma interpretação da vida social em sua obra: “*A representação do eu na vida cotidiana*”, onde o autor agarra-se ao vocabulário e panorama oriundo do teatro.

Romances, comédias, dramas, o teatro tem suas características próprias, não importando os gêneros: os cenários, os bastidores, a plateia, os holofotes. E a vida social não se difere, pois podemos escolher como agir e qual papel iremos encenar de acordo com cada contexto.

4- OS CENÁRIOS

A escolha da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) como local de investigação surge principalmente pelo fato de ser a instituição de ensino, a qual a pesquisadora possui vínculo facilitando assim o acesso às observações das práticas do trote e o contato com calouros e veteranos dos Centros de Pesquisa da UENF. O Trote como ritual que inicia a trajetória universitária desenvolve a função fundamental de contato social, ou seja, a primeira prática que recebe o calouro, portando, garantir que esse contato seja prazeroso para os calouros deve ser o principal objetivo a ser pensado e articulado pelos grupos de veteranos.

O Trote, desde as universidades medievais europeias às universidades da atualidade brasileira, foi o que mais expandiu seus limites para além das dependências das universidades, sendo aplicado atualmente, nas ruas e praças das cidades podendo ser notado pelos mais diversos transeuntes, uma vez que algumas universidades não permite mais essas práticas em suas dependências, o que é o caso da UENF.

Sendo assim, os cenários utilizados para observação das práticas do Trote ocorreram dentro e fora das dependências da UENF, o que expandiu o campo de ação, assim, no entanto, ampliou-se a oportunidade de analisar as

possibilidades de alterações na apresentação, aplicação e significação do ritual em diferentes espaços físicos. Todavia, despertamos a atenção para o fato de que a convocação tanto para o momento de Acolhimento\Recepção e do Trote ocorreu por redes sociais dos Centros Acadêmicos (CA) de cada curso, juntamente com o apoio do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

5- OS BASTIDORES

Este estudo objetiva descobrir, por meio de narrativas autobiográficas as práticas do Trote Universitário nos Centros de Pesquisa da UENF. A metodologia aplicada em relação a coleta e análise de dados seguem os princípios de pesquisa qualitativa, em sua modalidade narrativa, em razão do caráter subjetivo dos aspectos investigados, entendidas de acordo com Serrano (1994, 1998). Os dados analisados foram coletados por meio das autobiografias escritas e narradas por seis participantes, a saber: calouros e veteranos, a partir de um questionário aberto, além da observação e registros em diário de campo.

Dada a sua relevância, a observação das práticas do Trote e sua complexidade, esta pesquisa se relaciona a essas ações tendo como objetivo analisar por meio das narrativas, a influência dessa semana de Acolhimento e\ou trote, promovida por Centros de Pesquisa e os veteranos da UENF, podem exercer na permanência do calouro na Universidade.

Na verdade, a narrativa nos permite exprimir e exteriorizar sentimentos, problemas, medos, angústias, culpas, todos de igual forma não importando a idade, portanto, nesse sentido a narrativa é considerado um elemento de comunicação que nos permite redescobrir e compartilhar experiências como seres humanos possibilitando a integração das pessoas com o meio em que vivem e consigo mesma. Benjamin (1994) “o ato de narrar se traduz como capacidade de intercambiar experiências”. De acordo com o autor, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo que veio depois” (BENJAMIN, 1994, p. 37)

Diante da subjetividade humana os métodos qualitativos são necessários, Serrano (1998, p. 47- 48) conceitua a pesquisa qualitativa por suas características mais relevantes, os quais podem salientar o fato de que os

métodos qualitativos são mais “humanistas”. Ou seja, permite ao pesquisador experimentar e conhecê-las em seu aspecto pessoal, o que incentiva o cientista social a criar procedimentos e orientações com relação aos métodos de pesquisa. Ainda corroborando para os estudos, Serrano (1994, p. 41), a narrativa possibilita que uma pessoa ou grupo possa, de forma espontânea, relatar suas experiências, aspirações, objetivos e reflexões.

Corroborando com o autor, no campo de pesquisa, ficou evidente que as narrativas ocorrem com muita espontaneidade, principalmente quando abordado com clareza e individualmente, constatando que o diálogo entre o entrevistador e o participante depende de uma boa interação e troca. Portanto, a narrativa, tende a provocar nos atores a assimilação de suas emoções e vivências fomentando para as diversas interpretações envolvendo tanto as experiências do pesquisador e do entrevistado. Ou seja, notabilizar aspectos obscuros e desconhecidos da veracidade social, a partir de manifestações individuais. Em uma conversa com a Caloura do CBB (1), ela relatou que ficou assustada e achou o Trote bem ofensivo e com “brincadeiras” que passavam dos limites. e a Veterana do CBB (2) narrou que o Trote representou para ela um momento de constrangimento o qual não fará parte. Esses relatos reforçam que a narrativa como método de pesquisa assegura que o entrevistado relate suas experiências e reflexões.

6- PRIMEIRO ATO: O ACOLHIMENTO

O primeiro ato, assim o descrevo, como sendo o primeiro momento dos calouros com os veteranos, o primeiro contato descontraído e animador de Acolhimento. Apresentação do curso, apresentação do ambiente institucional, a empatia, reciprocidade. Caracterizado como momento de descontração e brincadeira. Poderia ser este momento caracterizado por “Fachada”?

Goffman (1985) “os estímulos que formam a fachada pessoal são divididos em aparência e maneira: os estímulos que indicam o status social do ator é parte da aparência, já o papel de interação que o ator pretende praticar em uma situação faz parte da maneira”. (GOFFMAN, 1985). Portanto, a representação coletiva quando tomada como fato, representa uma fachada. E são essas representações coletivas que são reproduzidas nas práticas do trote

universitário que irá traduzir o modo como o grupo (veteranos e calouros) tende a pensar em suas relações com o objeto.

Nesta pesquisa foi utilizado conceito de representações coletivas proposta pelo sociólogo Durkheim e o desenvolvimento da pesquisa tenciona considerar o termo representações coletivas, a partir de um olhar sociológico, afirmando que “o que as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo está constituído de maneira diferente do indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza”. (DURKHEIM, 1987, p. XXIV).

No início do século XX, o sociólogo Emile Durkheim (1978) desenvolveu sua teoria sobre representações, denominada de representações coletivas. Naquele período, não se poderia cogitar um mundo contemporâneo regido pela globalização nos moldes atuais. Durkheim (1978) teve seu trabalho altamente influenciado pelas ideias marxistas, pelo objetivismo e pelo positivismo vigentes na época. Para ele, o homem era um ser sociável por causa da convivência em grupo, aprendendo hábitos, costumes, reproduzindo mitos, em uma sociedade regida por uma religiosidade unificadora.

Partindo da observação do campo de pesquisa, entendemos que o primeiro momento, definido por momento de Acolhimento aos calouros e recepção aos alunos veteranos que aconteceu no mês de março do dia seis (6) até o dia treze (13) em sua grande maioria no período da manhã, a partir das nove horas (9h) sendo promovido e organizado por vários representantes que compõem a UENF, desde a Reitoria até os alunos veteranos que se organizaram para recepcionar os alunos calouros. As práticas desenvolvidas dentro das dependências da Universidade podem ser elencadas, por conseguinte: Recepção dos calouros no centro de convenções; Recepção aos calouros das licenciaturas na sala de cinema; conhecendo a UENF (um *tur* pelas dependências da Universidade); Feira de Ciências, Sessão Cinema; Apresentação dos Centros de Pesquisa e por último Encontro com o Reitor no Centro de Convenções.

O contexto evidenciado anteriormente nos remete a importância de práticas significativas, que colaboram para um ambiente universitário acolhedor tomado por ações que visam um acolhimento e/ou recepções estrategicamente estruturadas e organizadas para que os alunos possam, de fato, ficar distantes

de possíveis traumas ocasionados, contribuindo para que o aluno permaneça na Universidade e de fato se sinta acolhido e seguro neste ambiente.

E pensando nessa programação de Acolhimento e/ou Recepção preparada pela Universidade, foi elaborado, como citado anteriormente, um questionário aberto para os alunos calouros e veteranos dos diversos Centros de Pesquisa da UENF que estavam participando da programação, que incluía as seguintes questões: O que significa para você entrar numa Universidade? Acerca da sua chegada na Universidade, o que vem a sua mente quando pensa em “recepção aos calouros”? Tendo como retorno essas respostas:

Aluno Calouro CCH (1): Primeira pergunta *“Formação Profissional, Momento de Convívio Social, muito estudo e descobertas pessoais; Segunda Pergunta “Um momento dedicado a conhecer a Universidade e os veteranos do curso”.*

Aluno Veterano CCH (1): Primeira pergunta *“Formação Profissional”*; segunda pergunta *“Integração, diversão e todos se conhecendo”.*

Aluno Veterano CBB (1): Primeira pergunta *“formação profissional, muitas festas e muitos estudos”*; segunda pergunta *“Um momento em que os calouros interagem com outros alunos e possam saber mais sobre a Faculdade”.*

Aluno Calouro CBB (1): Primeira pergunta *“O amadurecimento pessoal e mais uma etapa da vida”*; segunda pergunta *“Apresentação da Faculdade\ curso aos alunos”.*

Aluno Calouro CCT (1): Primeira pergunta *“Realização de um sonho, Formação Profissional, mais uma etapa da vida e Amadurecimento Pessoal”*; Segunda Pergunta *“Um momento de acolhida, pois os veteranos já foram calouros e como não são os mais novos brincam, mas também ajudam os mesmos”.*

Ao analisar as respostas do questionário aplicado, evidenciamos a importância de uma prática de Acolhimento e/ou Recepção promovida, organizada e acompanhada pela Instituição, em seus diversos setores, a saber: Reitoria, Coordenadores, veteranos, Centro Acadêmico (CA) e Diretório Central dos Estudantes (DCE), tendem ao sucesso de um primeiro contato com a vida universitária, menos traumáticas, e cada vez mais distantes de práticas de Trotes e Integrações abusivas. O que de fato foi observado no campo de pesquisa,

pois dentro das dependências da UENF, o clima era de muita alegria e satisfação, o que era nítido nos olhares atentos, além de um entusiasmo, quanto a receptividade acolhedora e empática.

7- SEGUNDO ATO: O TROTE

O segundo ato, é o momento o qual o Trote foi aplicado, a partir das observações do campo de pesquisa compreendeu-se que essas práticas foram divididas em horários e espaços distintos, ou seja, enquanto a acolhida aconteceu em um primeiro horário e dentro das dependências da UENF, com a presença de veteranos, calouros, Coordenadores de Curso, representantes do Centro Acadêmico (CA) e Representante do Diretório Central dos Estudantes (DCE), o Trote por sua vez ocorreu fora das dependências da Universidade (UENF) em um segundo horário, às vezes no horário da tarde, marcando o momento de integração entre Veteranos e Calouros. Sendo, este a principal meta da pesquisa, o momento de interação entre alunos veteranos e calouros longe dos holofotes institucional da UENF, e as consequências de suas práticas na garantia da permanência dos alunos iniciantes.

Conforme, Goffman (1985) o autor parte da conjectura de que uma interação, ou seja, a influência mútua dos indivíduos em contato é estabelecida de acordo com uma definição prévia de hierarquias, papéis e expectativas envolvidas em cada encontro. Uma vez negociado e compreendido o que está em jogo em uma dada interação, o indivíduo passa a gerir a apresentação do seu Eu em relação às impressões anteriormente estabelecidas, de maneira consciente ou não.

Parafraseando com Goffman (1985), o trote universitário reproduz a interação social entre os atores (veteranos) com a plateia (calouros) com as expectativas estabelecidas por cada grupo, por um lado à manutenção de um poder hierarquizado dos veteranos em demonstrar controle e dominação e por outro lado o desejo de aceitação dos calouros. O autor indica “os modos pelos quais as representações de um indivíduo acentuam certos aspectos e dissimulam outros.” Por conseguinte, o ator ao “limitar e regular o que é mostrado tendência - se a limitação e regulamentação das informações que podem ser adquiridas pela plateia” (GOFFMAN, 1985, p. 67).

Sendo assim o controle daquilo que é percebido pelo público traz elementos de cunho informacionais e rituais. Em uma interação é natural que o indivíduo tenha a necessidade de proferir algo que legitima aos outros a validade de sua própria ação, e para tal propósito, o indivíduo tem o hábito de incluir na sua ação atividades que dão aos outros uma encenação coerente com as representações coletivas.

Em virtude disso, as interações sociais que ocorrem, a partir das práticas do Trote, podem evidenciar qual o papel que cada um dos envolvidos escolheu para encenar de maneira consciente ou não, nessa relação entre veteranos (atores) e calouros (plateia) a partir de anseios pré-estabelecidos entre eles.

No decorrer das observações do campo de pesquisa, houve contatos com alunos calouros e veterano de diferentes Centros de Pesquisa da UENF, pôde conversar sobre esse segundo ato: o Trote. Ficando nítido as divergências de opinião, quanto o significado do Trote Universitário, além disso, como observadora não foi difícil observar que os veteranos se referiam aos calouros como “burro, burrx”, posteriormente, seguido de expressões autoritárias e coercitivas como: “Nós ordenamos...”; “Tem que obedecer aos seus veteranos”; se não nós achamos vocês...”.

Agregando as observações feitas no campo de pesquisa, o questionário citado anteriormente, apurou as seguintes questões: Como era a forma de recepção que os veteranos tinham com os colegas do 1º ano? Você chegou a presenciar algum tipo de ação por parte destes? Em que papel você estava? (calouro ou veterano); onde ocorriam com maior frequência? Ambiente externo ou interno da Universidade? Obtivemos as seguintes respostas:

Veterana CCH (1): “Humilhação”; “Sim e foi péssimo, humilhação, ultrapassaram os meus limites e os de meus colegas, estragaram meu cabelo e de outras meninas negras”; “Estava no papel de caloura, na ocasião”; “Fora das dependências da Universidade”;

Veterana CBB (1): “Fazem com que os calouros sejam recebidos da melhor forma possível”, “Sim, sujaram a gente com cola, tintas, farinha de trigo e uma água com um cheiro horrível”; “Caloura”; “Em uma praça próxima a Universidade”.

A partir dos relatos acima podemos perceber que as opiniões se divergem, apesar de estarem em mesma posição com relação à prática do Trote aplicado, ambas eram calouras de Cursos diferentes e que olham para o Trote sofrido distintamente. Dando sequência, aos relatos obtidos, estando em pesquisa de campo pude ter contato com algumas veteranas do CBB. A veterana do CBB (2) quando questionada: Como foi o momento de Acolhimento e\ ou Trote, de imediato, não hesitou em afirmar que: *“Deus me livre... foi horrível e não quero nem lembrar do ocorrido”*, Já para a Veterana do CBB (2), quando perguntada a mesma pergunta, respondeu que: *“Durante o trote você conhece pessoas legais que te acolhem e logo quando você entra é adotado por algum veterano que te ajuda com tudo que é perguntado”*.

Em vista das narrativas apresentadas, podemos verificar que as opiniões com relação a prática do Trote no CBB, se divergem, a partir da análise de algumas veteranas que participaram do mesmo trote, porém as experiências vivenciadas não são iguais apesar de compartilharem o mesmo cenário, ambiente. Voltamos à questão sinalizada por Goffman (1985) no processo de interação social, na constatação de que o indivíduo usufrui da possibilidade de adequação e encenação de acordo com o cenário.

8- O APAGAR DOS HOLOFOTES NÃO ENCERRA O ESPETÁCULO

Assim como em uma peça teatral, o apagar dos holofotes para o público que se encontra de saída do teatro e sinaliza o fim das atuações, não aponta de fato que o espetáculo acabou, pois ainda tem mais o que ser realizado e não é diferente quando pensamos no espetáculo das integrações e interação social dentro da Universidade, e principalmente nos Centros de Pesquisa, não obstante, nos cursos de Graduação da UENF. O trote, assim como a acolhida marcam a passagem do Ensino Médio para a vida Universitária, e que podem, como vimos influenciar na solidez e permanência dos alunos calouros nesses ambientes.

Portanto, a intenção é de corroborar com as pesquisas sobre o Trote Universitário, e evidenciar o quanto é relevante tratar de temas que podem estar correlacionados à permanência dos alunos nas Universidades, a intenção é de apresentar aos leitores que algumas práticas do Trote adotadas pelos Centros

de Pesquisa da UENF tendem a influenciar na vida universitária dos alunos e as interações sociais dos mesmos. Através das observações, relatos e pesquisa de campo, pude vivenciar o que seria a prática do Trote, assim como, o momento reservado ao Acolhimento\ Recepção dos alunos, ou seja, mesmo não tendo a experiência pessoal das práticas em questão, a pesquisa me oportunizou o entendimento da contraposição existente entre as ações. Ou seja, as ações institucionalizadas e organizadas pela Reitoria, DCE, CA das ações arranjadas e orquestradas pelos alunos Veteranos, concebido em cenários dessemelhantes, dentro das dependências da UENF e fora da Universidade (ruas, praças e redes sociais).

Nessa perspectiva é importante ressaltar que dentro das dependências da UENF não seja permitido certas práticas, em nada impediu que as ações acontecessem fora das dependências da Universidade. Ao observar o cenário do “Primeiro ato: A acolhida” ficou nítida a preocupação de garantir tanto aos calouros, quanto aos veteranos uma boa receptividade, levando em consideração que muitos alunos veteranos não tiveram a oportunidade de participar de um momento assim devido a Covid-19, pois as aulas eram remotas.

Devemos ressaltar que com relação à observação do “Segundo ato: O Trote” algumas práticas coercitivas e abusivas, são naturalizados e aplicados sem nenhuma inibição ou constrangimento por parte dos veteranos. Do mesmo modo que, algumas narrativas dos alunos calouros entrevistados, essas práticas foram minimizadas como sendo uma “*brincadeira*”. Entretanto, de forma a ilustrar algumas características atribuídas à prática do Trote não é unânime entre os calouros entrevistados, pois outros relatos divergem qualificando o trote como: “*hora da humilhação*”.

Logo, “O apagar dos holofotes não encerra o espetáculo”, pois a vida universitária tende a prosseguir. É necessário superar os traumas decorrentes dos Trotes coercitivos, ou reviver as lembranças de uma Acolhida\Recepção calorosa e bem-sucedida. Isto posto, refletir sobre as encenações, para além, do grande desejo de aceitação e o convencimento de um rito com práticas que legitimam as agressões morais, intelectuais, físicas e emocionais.

Por conter narrativas da pesquisadora e de estudantes calouros e veteranos, com relação às experiências, vivências e observações do objeto e campo de pesquisa, este ensaio procurou contribuir para uma análise do

processo de integração e permanência dos estudantes nos cursos de Graduação levando em consideração o Trote como um dos rituais de ingresso aos estudos universitários, que ainda se encontra em evidência em nossa sociedade.

9- REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARMO, Gerson Tavares do; COUTINHO, Caio Miranda Carvalho. **Permanência na universidade: um estudo sobre autoeficácia no ensino superior**. Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política; Volume 18, número 1, janeiro a junho de 2022

DURKHEIM, Émile. **“As regras do método sociológico”**. In: GIANNOTTI, José Arthur (org). Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FINKLER, Mirelle. **Formação Ética na Graduação em Odontologia: realidades e desafios**. 2009. 259 p. Tese (Doutorado em Odontologia) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível Em: <http://www.prosaude.org/noticias/finkler/teseMirelleFinkler.pdf>

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 18ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2003.

GOFFMAN, Erving. **As representações do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia dos Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985. Do original em inglês: The Representation of self in everyday life. Editora Vozes, Petrópolis.

MACIEL, Diogo Barbosa & BERBEL, Gustavo dos Santos. 2015. **“A representação do eu na vida cotidiana”**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/representa%C3%A7%C3%A3o-do-eu-na-vida-cotidiana>

MACIEL, Carlos Alberto Batista. **RITO, SOCIALIZAÇÃO E PODER: reflexões e indagações teóricas**. Caderno de campo, número 8, 2021.

PRIBERAM, Dicionário. **"trote"**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/trote> [consultado em 25-03-2023].

RIOS, Renata Lerina Ferreira. **Quando a universidade é uma festa: trote e formatura**/ Renata Lerina Ferreira. – Porto Alegre, 2010. 176 f.: il. Diss. (Mestrado e Educação) - PUCRS, Fac. De Educação, UNLP. Orientação: Prof^a.dr^a. Maria Helena Câmara Bastos

RIO DE JANEIRO. (1996). Lei n.º 2.538, de 19 de abril de 1996. Proíbe o trote vexatório em calouros das universidades e faculdades localizadas no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Poder Executivo, 1996. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rj/leiordinaria-n-2538-1996-rio-de-janeiro-proibe-o-trote-vexatorio-em-calouros-dasuniversidades-e-faculdades-localizadas-no-estado-do-rio-de-janeiro-1996>

_____. (2013). Lei n.º 6.436, de 15 de abril de 2013. Altera a Lei nº 2.538, de 19 de abril de 1996, para obrigar as universidades públicas e privadas do estado do Rio de Janeiro a difundirem em seus campis alerta sobre o trote. Rio de Janeiro: Poder Executivo, 2013. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1034631/lei-6436-13>.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA-FILHO, Naomar. **A Universidade no século XXI**: Para uma Universidade Nova. Coimbra: Almedina; out. 2008.

SERRANO, G. P. Investigación cualitativa. Retos e interrogantes: II. Técnicas y Análisis de Datos. Madrid: La Muralla, 1994.

_____. Investigación cualitativa. Retos e interrogantes: I. Métodos. 2 ed. Madrid: La Muralla, 1998

SILVA, Rosiane Maria da. **"Só vencem os fortes": a barbárie do trote na educação agrícola** / Rosiane Maria da Silva. – São Carlos: UFSCar, 2015. 359 p. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de; ROCHA, Glória Walkyria de Fátima. **Gênero e relações de poder no trote universitário: implicações para a cidadania**. Simpósio Temático nº 5 - **Fazendo Gênero 8**, Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST5/Siqueira-Rocha_05.pdf. Acesso em: 29 Agosto. 2022.

VEGINI, Neusa Maria Kuester. **A dimensão ética da formação do profissional em saúde: um estudo a partir das representações sociais sobre o trote universitário** / Neusa Maria Kuester Vegini; orientadora, Mirelle Finkler - Florianópolis, SC, 2016. 129 p.

ZUIN, Antônio Á. S. **O trote universitário: passagens de um rito de iniciação**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O trote universitário como violência espetacular**. **Educação & Realidade**, v. 36, n. 2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13132> acessado em 10.10.2022.